

**A escrita de si na situação de tortura e isolamento:
as cartas de Manoel Raimundo Soares**

Susel Oliveira da Rosa*

Resumo: Escrever é mostrar-se, dar-se a ver ao outro, diz Michel Foucault. Nesse sentido a escrita de si comporta uma presença quase física de quem é lido. Analisar as cartas que o ex-sargento do Exército nacional - Manoel Raimundo Soares - assassinado pelos agentes da repressão no ano de 1966 em Porto Alegre, escreveu a sua esposa quando estava na prisão é o objetivo desse artigo. **Palavras-chave:** cartas - escrita de si - isolamento.

Abstract: To write is to reveal oneself, to give oneself to see to the other, says Michel Foucault. In this direction the writing of oneself holds an almost physical presence of who is read. To analyze the letters that the former-sergeant of the national Army - Manoel Raimundo Soares - assassinated by the agents of the repression in the year of 1966 in Porto Alegre, wrote to his wife when he was in prison is the objective of this article.

Keywords: letters – writing of the self – isolation

Manoel Raimundo Soares nasceu em uma família pobre de Belém do Pará. Não sabia nada a respeito do pai, só conhecia a mãe e convivia com mais dois irmãos. Nos anos que morou em Belém, estudou e trabalhou numa oficina mecânica. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1953, quando tinha dezessete anos de idade e foi morar com uma família de amigos¹. No Rio de Janeiro ingressou no Exército e antes de completar um ano na corporação já havia sido promovido a terceiro sargento. Foi lá que conheceu “Betinha”² – Maria Elisabeth Challup Soares – sua esposa.

No ano de 1963, Manoel Raimundo respondeu a um inquérito militar acusado de desvio de armas e cooptação de sargentos. Tido como um defensor das Reformas de Base, foi transferido do Rio de Janeiro para Mato Grosso. Teve sua prisão decretada logo que foi deflagrado o golpe militar, mas conseguiu fugir antes de ser preso. Entre abril de 1964 e março de 1966, Manoel Raimundo viveu na clandestinidade, envolvido com a militância política e a luta pela redemocratização do país. Fugiu de Mato Grosso para o Rio de Janeiro e

* Doutoranda em História na Unicamp, bolsista do Cnpq.

¹ O primeiro trabalho acadêmico que abordou o assassinato de Manoel Raimundo foi a monografia de Caroline Silveira Bauer (*Avenida João Pessoa, 2050 – 3º andar: o Dops e o ‘Crime das Mãos Amarradas’ 1964-1966*), defendida no ano de 2004, no curso de História da UFRGS.

² Forma como Manuel Raimundo se dirigia à esposa nas correspondências.

de lá para Porto Alegre. Seus passos eram rastreados pelos serviços secretos do Exército. Em março de 1966, numa emboscada, o sargento foi preso pela Polícia do Exército.

Preso, - ou melhor, seqüestrado já que a prisão de Manoel Raimundo foi negada pelos responsáveis até sua morte - foi conduzido à Polícia do Exército e depois ao DOPS/RS. Em 19 de março foi levado à Ilha Presídio³ - como é conhecido o presídio, hoje desativado, da Ilha das Pedras Brancas. Retornou ao DOPS no dia 13 de agosto. Naquela mesma noite, foi conduzido ao Rio Jacuí num jipe do Exército. Só foi encontrado novamente no dia 24 de agosto. No seu corpo, já sem vida, as marcas da tortura. Suas mãos estavam amarradas⁴ - o assassinato ficou conhecido como “o caso mãos amarradas” -, o corpo não lhe pertencia mais, havia se transformado em objeto nas mãos de seus carrascos.

Cartas a Betinha: o relato da dor

Nos dias em que estive preso com Luis Renato⁵ - companheiro de prisão de Manoel Raimundo -, nos momentos de cumplicidade em meio à situação traumática, Manoel falava de um desejo constante: rever sua esposa. Sonhava em viajar com “Betinha”, logo que saísse da prisão. Queria passar uns dias em Caxambu com ela. Um pedido era repetido seguidamente: “se você sair primeiro que eu, manda um bilhete para ela dizendo que eu vou encontrá-la assim que sair”⁶.

³ Localizado na zona sul de Porto Alegre, a ilha é um acidente geográfico de 100 metros de extensão por 60 de largura. Entre os anos de 1857 e 1869 serviu de depósito de armamentos do governo, monitorando também as embarcações que por ali passavam. Caiu no abandono quando o arsenal foi transferido de lugar. Nos anos 60 do século passado foi transformada num presídio para abrigar, prioritariamente, presos políticos. Localizada no meio do Lago Guaíba, as fugas eram praticamente impossíveis. O presídio foi desativado em 1983. Antes disso entrou pra história do lugar a fuga inédita de um preso político: aproveitando a distração dos guardas, “embarcou” dentro de uma panela usada na alimentação dos presos, utilizando como remo uma colher de pau, atravessou o Guaíba chegando à praia de Ipanema.

⁴ Apelação Cível nº 2001.04.01.085202-9/RS. Acervo de Luta Contra a Ditadura/Memorial Histórico do Rio Grande do Sul.

⁵ Luis Renato Pires de Almeida, estudante de agronomia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), estava preso no DOPS quando Manoel Raimundo lá chegou e conheceu o ex-sargento no dia 14 de março de 1966 por volta das 22h, quando os policiais colocaram um colchão no corredor do DOPS/RS, para ser dividido entre o estudante e Manoel Raimundo. Luis Renato testemunhou o suplício de Manoel Raimundo, tanto no DOPS como na Ilha Presídio.

⁶ Relatório da CPI que investigou a morte de Manoel Raimundo Soares e o tratamento dispensado aos presos políticos. In: Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, de 27/06/1966.

Manoel conheceu “Betinha” no Rio de Janeiro. Ela morava num orfanato – Instituto Sabóia Lima – e de lá saiu para casar com “Manelito”⁷. O golpe militar, a expulsão do exército e o decreto de prisão, levaram seu marido para a clandestinidade. “Betinha” sabia notícias dele através das cartas na “posta restante”⁸. Depois de transferido para a Ilha Presídio, Manoel voltou a escrever à esposa. Algumas cartas chegaram até ela com a ajuda de outros presos políticos. Dessa forma ela ficou sabendo que seu marido havia sido preso e estava à disposição dos militares. Eis um trecho da primeira carta que “Betinha” recebeu:

Ilha Presídio, P. Alegre, 15 de abr. 66

Querida Betinha.

Finalmente acabei sendo prêso. Caí em uma cilada de um 'dedo-duro' chamado EDÚ e vim parar nessa ilha-presídio. Fui prêso às 16.50hs do dia 11 de março, sexta-feira, em frente ao Auditório Araújo Viana.

Fui levado para o quartel da P.E. onde fui 'interrogado' durante duas horas e depois fui levado para o DOPS. Estou bem. Nesta ilha me recuperei do 'tratamento' policial. Até o dia em que fui preso estava dormindo em Hotéis e pensões variadas. Não sei como vou me arranjar no dia em que eu for solto pois o LEO único amigo que eu tinha em Recife, perdi o contato com êle e eu não sei o endereço. Espero que você esteja bem e que se mantenha em calma. Isto passa. Nos dias seguintes ao que eu for solto teremos uma nova lua de mel em uma cidade bonita qualquer.

(...) Você NÃO deve vir aqui. Isso não ajudará NADA e você NÃO conseguirá visitar-me. (...) Esta é a quarta tentativa de te mandar notícias minhas. Esta carta só foi possível graças aos amigos da prisão.

Estou absolutamente calmo e tranquilo até hoje 15 Abr. não sei como vão coisas aí pelo mundo.

Mantém a calma, pois nestas horas só a calma ajuda. Se quizeres e puderes vai passar uns meses em Minas com os parentes.

Recebe um carinhoso e bem apertado abraço e um montão de beijos deste que é teu até morrer, o teu Manoel”⁹

⁷ Forma como a esposa chamava Manoel Raimundo.

⁸ A posta restante possibilita o recebimento, na Agência dos Correios que os usuários escolherem, de todas as correspondências para ali enviadas em seu nome, com as vantagens de segurança e sigilo.

⁹ Relatório da CPI que investigou a morte de Manoel Raimundo Soares e o tratamento dispensado aos presos políticos. In: Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, de 27/06/1966 (p. 1714-1715).

A partir dessa carta – quarta tentativa de Manoel se comunicar com a esposa – “Betinha” começou sua luta pela liberdade do marido. Contratou um advogado para entrar com o primeiro pedido de *habeas corpus*, seguindo as orientações de Manoel. Mesmo com as cartas como prova, os militares negavam a sua detenção.

Segundo Foucault (1992:131), a escrita de si “atenua os perigos da solidão: dá ao que se viu ou pensou um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro”. Escrever a “Betinha” era também uma forma de compartilhar sua solidão, seja na própria escrita ou pela possibilidade de ser lido pela esposa. O amigo que tinha feito na prisão, Luis Renato, já não dividia mais a cela com Manoel, ele estava mais sozinho ainda. Quando falamos com alguém, vamos ouvindo o que estamos dizendo, quando escrevemos vamos lendo o que está sendo escrito. Dessa maneira, tanto a escrita de si, como o falar de si, possibilita um exercício pessoal. Exercício que também atenua a solidão. Diz Foucault que a carta enviada “atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e releitura, sobre aquele que a recebe”(1992:145).

Araújo (2002) lembra que a carta enquanto representação da vida gera “uma pluralidade de significados e formas de apropriações”, de “certezas e dúvidas”. Mesmo que Manuel Raimundo tentasse tranquilizar a esposa – “estou absolutamente calmo e tranquilo” - “quem lê, mesmo acreditando no conteúdo, por se tratar de um presente que não é mais presente, atualiza aquele passado”(ARAÚJO, 2002:22). Ou seja, possivelmente a receptividade de Elisabeth Chalupp, levando em conta a incerteza do momento presente, no qual seu marido estava distante e preso, não tenha sido a desejada por Manoel. “Por mais que eu lesse o conteúdo da carta eu achava que ela estava passando dificuldades e não queria me falar, pois sabia o quanto eu me preocupava com aquela situação que ela vivia” (ARAÚJO, 2002:22), disse a irmã de uma militante que esteve exilada no Chile.

Se Manoel tentou passar calma a sua esposa na primeira carta, na segunda percebemos mais claramente a inquietação do sargento. Os dias se sucediam e ele permanecia preso e incomunicável, sem saber o que se passava na “civilização”. Insistia para que a esposa viajasse, pedindo para que ela – como na música de Chico Buarque: *se eu demorar uns meses, convém às vezes você sofrer, mas depois de um ano eu não vindo, ponha a roupa de domingo, e pode me esquecer* - raciocinasse como se ele tivesse morrido. Falou mais detidamente das privações pelas quais estava passando – sem sapatos, sem roupas, sem cobertas no frio do

inverno gaúcho – e novamente, das marcas físicas deixadas pelas sessões de tortura (*as medalhas com as quais o agraciaram*). Preocupado, insistia para que a esposa procurasse “Dona Mira”, mais experiente em casos como o dele:

Ilha Presído P. Alegre, 2 de maio de 1966.

Querida Betinha.

Eis aqui mais uma tentativa de te mandar notícias minhas. Esta é a 5ª carta. Não sei se as outras chegaram até ai. (...) Até a presente data estou sob o regime da incomunicabilidade e, infelizmente, não sei o que está acontecendo aí pela 'civilização'.

Em meu corpo ficaram gravadas algumas das medalhas com o que me agraciaram. Aqui estou sem sapatos, sem roupas de frio, sem cobertas, usando unicamente uma camisa de Nylon e uma calça de lã preta (...) Felizmente já me retiraram a barba; ela estava bonita.

Não sei bem, mas creio que estou prêso à disposição do III Exército. Por isto, só um 'Habeas-Corpus' do Superior Tribunal Militar poderá libertar-me.

(...) Procure o Dr. Sobral Pinto, à rua Debert nº 39 (é no centro) e providencie com ele um pedido de 'habeas' junto ao STM. Depois disso, e se houver dinheiro, vá dar um passeio de meses lá em Minas. A Dona Mira pode te auxiliar nisto, de advogado, Tribunais, etc. Ela já não é neófito. Se tiver dificuldade em materia de dinheiro vende as coisas. Raciocina como se eu tivesse morrido.

E aí como vão as coisas? você está bem? Houve alguma novidade? Tão logo eu seja posto em liberdade, e isto ainda vai demorar, iremos ter uma nova lua de mel em uma cidade que tu ainda não conheces apesar de ser próxima a tua terra natal. Como vês o papel está acabando, por isto aproveito para lembrarte que meu pensamento é só para ti; durante todas as horas destes últimos dias não saes do meu pensamento. O banquinho da cosinha, os beijos nos olhos, tudo aquilo que liga meu corpo a tua alma (ou espírito que é mais certo).

Recebe mil beijos e um caminhão de abraços do teu Manoel¹⁰.

Um militante político contou a Viñar (1992) que para resistir aos dias em que esteve preso, para resistir à dor física e psicológica da tortura, buscou a memória. A memória que

¹⁰ Relatório da CPI que investigou a morte de Manoel Raimundo Soares e o tratamento dispensado aos presos políticos. In: Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, de 27/06/1966 (p. 1716-1717).

mostrava que ele havia tido um antes da prisão e da tortura. Um antes povoado de “amores e de valores”. Sentiu que precisava conservar esse antes, caso viesse a ter um depois. Aliás, a possibilidade de existir um depois tinha como condição a manutenção viva da memória do antes. Deu-se conta que “não se devia deixar consumir pelo presente, vazio de amor, habitado de ódio, como se fosse a única vida possível” (VIÑAR, 1992:29). A partir de então conta que o antes, o vivido de outrora, passou a desfilar pela sua memória com uma intensidade surpreendente. Assim conseguiu aplacar um pouco da dor de seu corpo e sua sede, sentindo alguma sensação de relaxamento. À medida que os dias e meses na prisão sucediam-se, o antes de Manoel Raimundo que era o amor de “Betinha”, tornava-se mais presente:

Ilha das Pedras-Branças (Ilha Presídio), Porto Alegre, 10 de julho de 1966.

Minha querida Betinha:

Ainda estou vivo. Espero de todo o coração que você tenha recebido as cartas que remeti anteriormente. Esta é a oitava. Nunca pensei que o sentimento que me une a você chegasse aos limites de uma necessidade. Nestes últimos dias, tenho sido torturado pela idéia de que estou impedido de ver teu rosto ou de beijar teus lábios. Todas as torturas físicas a que foi submetido na P.E e na D.O.P.S. não me abateram. No entanto, como verdadeiras punhaladas, tortura-me, machuca, amarga, este impedimento ilegal de receber uma carta, da mulher, que hoje, mais do que nunca, é a única razão de minha vida.

Dentro de um plano de coleta de informações, algumas coisas já me foram proporcionadas pelos carcereiros. Com efeito, já tenho escova de dentes, sabonete e até roupas e sapatos, fizeram chegar até aqui. Mas, nada disso pôde aliviar a dor que me causa, o fato de não poder receber cartas de minha Beta. (...)

Acredito que agora, você já poderia tentar visitar-me aqui em Porto Alegre. O que você acha disto? (...) Não podendo abraça-la com a força do bem que te deseja, deixa que em forma espiritual, te beije ardentemente, este que é até morrer, o teu Manoel¹¹.

Ainda sentia-se vivo, agora não mais pelo seu passado político, ou qualquer outro motivo que causasse dor, além daquela a que estava submetido. Sua memória buscava no

¹¹ Relatório da CPI que investigou a morte de Manoel Raimundo Soares e o tratamento dispensado aos presos políticos. In: Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, de 27/06/1966 (p. 1719-1720).

melhor do vivido de outrora forças para resistir. Deleuze diz que a “memória voluntária vai de um presente atual a um presente que ‘foi’, isto é, alguma coisa que foi presente mas não o é mais” (2006:54), o que torna o passado da memória voluntária duplamente relativo: ao presente que foi e ao presente que é agora. Ou seja, a memória de Manoel Raimundo não acessava “diretamente do passado: ela o recompunha com os presentes” (DELEUZE, 2006:54). Presente, que para ele significava estar há mais de três meses preso, sem contato com o exterior. O rapaz que relatou sua experiência traumática a Viñar disse que finalmente tinha compreendido a unanimidade entre os prisioneiros: que era mais terrível esperar que sofrer. “É durante esse tempo que se trama a fraqueza ou a coerência” (VIÑAR, 1992:32). Coerência que para Manoel advinha da lembrança do convívio com a esposa. E da saudade articulada a lembrança. Tanto que pela primeira vez ele pediu a ela que viesse visitá-lo em Porto Alegre. Manoel Raimundo buscava nas reminiscências – metáforas da vida, para Deleuze - o ser amado que aparecia “como um signo, uma ‘alma’: exprimindo um mundo possível” (DELEUZE, 2006:7).

“Há cartas que não guardam apenas recados, doenças do fígado, frases bem feitas, há cartas que captam instantes fugidios, fases específicas, mudanças de rota, pontos desconversão da alma, seu gênero narrativo possibilita fixar as forças do devir de uma existência”, diz-nos Marilda Ionta¹². Nesse sentido, segundo Foucault, a escrita de si incitamos a invenção de outras formas ao conjugarmos os verbos da nossa vida. A pergunta “o que tenho escolhido fazer de mim?” acompanha essa escrita. De certa forma é também um desmanchar-se de si mesmo. Ao narrar-se para “Betinha”, Manoel experimenta essa dimensão da escrita que está associada ao exercício do pensamento sobre si, ele vai tecendo assim uma memória de si. No caso dele, uma memória recente marcada pela dor física e pelas privações. Nessa tessitura de si ele parece reavaliar sua opção pela luta política. Escrevendo para si e para outrem (a esposa), dialoga consigo e com ela. O desmanchar de si marca alguns momentos da última carta que “Betinha” recebeu: “sei hoje, que você tinha razão, em muitas de nossas discussões sobre nosso tipo de vida”. “Você ganhou”, diz Manoel, produzindo aí um outro, ou um novo efeito de verdade na produção de si mesmo. Passageiro ou não, é claro, marcado pela dor, pela solidão e pelo isolamento. Mas para o sargento, mesmo que momentaneamente, era uma espécie de outra ou nova identidade de si:

¹² Marilda Ionta. *A poética do sigilo: cartas de Henriqueta Lisboa a Mário de Andrade* (In:<http://www.anpuh.uepg.br/xxiiisimposio/anais/textos/MARILDA%20IONTA.pdf>, acessado em 20/02/2207).

Ilha das Pedras Brancas (Ilha do Presídio), Porto Alegre, 10 de julho de 1966.

Minha Querida Betinha:

Ainda estou vivo. A saúde que havia chegado ao meu corpo, partiu, deixando a normalidade que você tão bem conhece. Fígado, intestinos e estômago. Espero de todo o coração que você tenha recebido as cartas anteriores. Esta é a de número nove. Penso que a estas horas você deve estar chorando. Não quero isso. A jovem senhora, valente, das respostas desconcertantes, deve agora, substituir a moça ingênua e humilde com quem tive a felicidade de casar.

Nunca pensei que o amor que tenho pelo "meu reboque" pudesse chegar aos limites de uma necessidade. Nestes últimos dias tenho sido torturado pela realidade de estar impedido de ver o rosto da mulher que amo. Eu trocaria se possível fôsse, a comida de oito dias, por oito minutos junto ao meu amor, ainda que fosse só para ver.

Tenho uma fé inabalável de que, os adversários não conseguirão destruir nosso amor. Sei hoje, que você tinha razão, em muitas de nossas discussões sobre nosso tipo de vida. Você ganhou. Espero que, no dia em que me ver livre deste cárcere em que me encontro, uma pessoa pelo menos me esperará lá fora. Que o mundo inteiro me volte as costas, mas um rosto e um sorriso amigo eu tenha: o de minha querida e idolatrada Betinha. (...)

Tudo passará. A política, a cadeia, os amigos; só uma coisa irá durar até a morte: o amor que tenho por essa mulherzinha que é hoje, a única razão de querer viver, deste presidiário.

Foi bom que isto acontecesse. Eu precisava afeiçoar-me a um outro tipo de necessidade. Só agora avalio, o que é estar junto da mulher amada. Com a tranquilidade da certeza de que apesar de tudo ainda mereço o teu amor remeto um caminhão de beijos, com o calor dos dias mais felizes de nossa vida.

Do sempre teu Manoel¹³.

Philippe Artières lembra que a importância crescente da escrita pessoal para o mundo ocidental, desde o final do século XVIII, demandou uma “exigência de arquivamento”: “a escrita está em toda parte: para existir, é preciso inscrever-se: inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias”(s/d:5). Esse contexto requereu, para Artières, uma nova forma de administrarmos os nossos papéis, através da qual “fazemos um acordo com a

¹³ Relatório da CPI que investigou a morte de Manoel Raimundo Soares e o tratamento dispensado aos presos políticos. In: Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, de 27/06/1966 (p. 1721-1722).

realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, colocamos em enxergo certas passagens” (s/d:5). Assim, ao escolhermos os acontecimentos que vamos registrar, moldamos o sentido com o qual desejamos perpetuar nossa vida. “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, s/d:3). Podemos pensar as cartas de Manoel Raimundo também como uma prática de arquivamento do eu, já que na tessitura de si ele se construía e buscava forças para resistir à situação traumática. “Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo” (ARTIÈRES, s/d:29).

“Ainda estou vivo”, apesar de ter a saúde abalada – “saúde que havia chegado ao meu corpo, partiu” – Manoel Raimundo resistia e, sem saber, preparava “o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós” (ARTIÈRES, s/d:29). Foram as cartas à Betinha que possibilitaram reconstruir a trajetória do suplício de Manoel Raimundo, a partir delas outros documentos juntaram-se ao processo judicial que tratou do assassinato do sargento. De prática íntima o arquivamento de si adquire, muitas vezes, uma função pública que sobrevive ao tempo e a morte, não como um processo de sujeição, mas como uma forma de subjetivação, como um “dispositivo de resistência” (ARTIÈRES, s/d:30).

Ao escrever a “Betinha”, subjetivando-se e resistindo, Manoel Raimundo mostrava-se, permitindo à esposa vê-lo. A carta torna o escritor presente a quem se dirige, diz Foucault, tratando-se, mesmo, de uma presença imediata e quase física. Através das cartas, “Betinha”¹⁴ sentiu pela última vez a presença quase física de Manoel. Se existiram outras cartas, além das que foram reproduzidas aqui, não chegaram a ela. Em Porto Alegre, restou-lhe reconhecer o corpo assassinado do marido.

¹⁴ Após sucessivas ações de indenização e responsabilização dos culpados pela morte de seu marido, somente em setembro do ano de 2005 Elizabeth Challup Soares conseguiu a responsabilização oficial da União pela morte de Manoel Raimundo, na forma de indenização e pagamento de pensão.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Maria do Socorro de Sousa. **Paixões Políticas em Tempos Revolucionários: nos caminhos da militância, o percurso de Jane Vanini**. Dissertação de Mestrado: UFMT, 2002.
- ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf. Acessado em 03/03/2007.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. RJ: Forense-Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor. Portugal: Passagens, 1992.
- IONTA, Marilda. A poética do sigilo: cartas de Henriqueta Lisboa a Mário de Andrade. www.anpuh.uepg.br/xxiiisimposio/anais/textos/MARILDA%20IONTA.pdf. Acessado em 20/02/2007.
- VIÑAR, Maren e Marcelo. Exílio e Tortura. São Paulo: Escuta, 1992.